

POÉTICA GÓTICA E MOVIMENTOS MESSIÂNICOS: O CASO DE CANUDOS

Hélder Brinate Castro (UFRJ/CNPq)¹

Resumo: A crítica e a historiografia literárias brasileiras, ao examinarem narrativas que tematizam movimentos messiânicos, atêm-se mais à documentação de tais organizações socio-religiosas do que aos recursos formais e estéticos utilizados pelos autores. As análises dos recorrentes eventos sobrenaturais e das descrições lúgubres dos rituais místico-religiosos não costumam, pois, apreender o seu potencial estético e sua possível relação com a poética gótica. Tencionando preencher tal lacuna, pretende-se averiguar técnicas ficcionais do Gótico – sobretudo a conformação de *loci horribiles* e de personagens monstruosas – manejadas por Afonso Arinos em *Os Jagunços: novela sertaneja* (1898) e por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902).

Palavras-chave: Poética gótica; Literatura brasileira; Guerra de Canudos; Afonso Arinos; Euclides da Cunha.

Gótico: uma poética

The Castle of Otranto (1764), de Horace Walpole, é conhecido como o texto inaugurador do romance gótico, condensando as características e as estratégias ficcionais desse estilo narrativo. O livro de Sir. Walpole, com sua escrita rocambolésca, desvela uma visão de mundo desencantada e pessimista em relação a seu contexto sociocultural, em que violentos e insólitos eventos – como a morte causada por um elmo gigante – adquirem, não raras vezes, feitiço descomedido. Tais excessos da narrativa do romancista britânico não constituem, todavia, caso singular. Durante o período de 1764 a 1820, o mais homogêneo da literatura gótica (cf. PUNTER, 1996), os *topoi* góticos se popularizaram por meio de ficções associadas a uma percepção sombria, decadente e lúgubre da existência humana, nas quais escritores como Ann Radcliffe, Charles Maturin, Mary Shelley e Matthew Lewis deixaram sua marca.

A poética gótica não se limitou, porém, a essa periodização, influenciando escritores de séculos posteriores e de outras partes do mundo. No século XIX, o Gótico continuou a reproduzir seus *topoi*: em diversas narrativas, personagens sórdidas e monstruosas habitam casas arruinadas e florestas tenebrosas, onde ocorrem incidentes misteriosos, como se percebe em textos de Edgar Allan Poe. No término dos Oitocentos, autores consagrados, como Robert Stevenson, com *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), e Bram Stoker, com *Dracula* (1897), demonstraram ainda os horrores dos avanços científicos. No século posterior, o Gótico evidencia

¹ Graduado em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrando em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista CNPq sob orientação do Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto (UFRJ) e sob coorientação do Prof. Dr. Julio França (UERJ). Contato: helderbrinate@yahoo.com.br.

sua pujança e espalha-se por diversos meios artísticos – a música, o cinema e os *graphic novels* –, mantendo seu grande apelo popular e se adaptando às idiossincrasias da época.

Diante dessa rica tradição, o campo dos estudos literários compreende o Gótico de acordo, ao menos, com duas perspectivas que não se anulam: uma que o considera como um gênero histórica e espacialmente determinado e outra que o concebe como uma tendência mais persistente e abrangente dentro da ficção. Conforme a primeira acepção, o Gótico concerne a um fenômeno histórico-literário que teve seu auge no Reino Unido entre a segunda metade do século XVIII e o início do XIX, caracterizando-se pela produção de uma ficção popular e pela tematização dos aspectos mais reprováveis, sombrios e decadentes da natureza e da imaginação humanas. Tal concepção não impossibilita, contudo, a manifestação de revivalismos góticos nos séculos posteriores, pois, conforme David Stevens (cf. 2000, p. 19), o próprio Gótico Setecentista teria sido um revivalismo da preocupação com temáticas medievais e fantasiosas. Já consoante a segunda concepção, trata-se de uma disposição do espírito moderno que alterou, significativamente, os modos de pensar, sentir e expressar a arte na modernidade. Configura-se, pois, como um fenômeno transcultural caracterizado por uma visão de mundo negativa e desiludida com a realidade. Para Julio França (cf. 2017, p. 22), o Gótico, mais precisamente a poética gótica, é a amálgama entre uma interpretação pessimista do mundo e uma linguagem artística altamente estetizada e convencionalista que se adapta às ansiedades e aos medos da sociedade moderna.

Diante de tal perspectiva, ao se considerarem a crítica e a historiografia literárias brasileiras desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX, a poética gótica seria, *a priori*, uma tradição exógena às “cores locais” do Brasil. Uma análise mais apurada e aprofundada da literatura brasileira revela, no entanto, textos que dialogam com a poética gótica. Os motivos dessa aparente ausência de relação não se dão, portanto, pela inexistência de obras que explorem atmosferas lúgubres e ambientes decadentes. Entre as causas para o “apagamento” da poética gótica nas Letras nacionais, destaca-se a preferência de nossos estudos literários por temas realistas e explicitamente relacionados à identidade nacional. As obras com características imaginativas, fantásticas e góticas foram e ainda são, por conseguinte, negligenciadas por nossa historiografia e, muitas vezes, relegadas ao ostracismo.

Contrariando a tradição dos estudos literários brasileiros, percebem-se, dessa forma, elementos comuns entre a literatura brasileira e a ficção gótica. Entre as convenções da poética gótica, alguns *topoi* destacam-se como essenciais em obras produzidas por alguns de nossos

autores: (i) a construção de espaços narrativos como *loci horribiles*; (ii) a relação fantasmagórica com o passado, que ressurge para assombrar o presente; (iii) a caracterização de personagens como monstrosidades; (iv) o desenvolvimento de enredos que exploram, tanto no plano da diegese quanto no da recepção, efeitos melodramáticos e emocionais; e (v) a utilização contínua de campos semânticos relacionados à morte, à morbidez e à degeneração física e mental.

Devido à limitação espacial deste trabalho, debruçar-nos-emos sobre duas obras brasileiras – *Os Jagunços: novela sertaneja* (1898), de Afonso Arinos, e *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha –, analisando, sobretudo, a constituição de *loci horribiles* e a configuração de personagens monstruosas, ainda que exploremos, sucintamente, alguns dos outros pontos.

Poética gótica e movimentos messiânicos: personagens monstruosas e *loci horribiles*

A literatura brasileira, especialmente sua tradição regionalista, aborda temáticas caras ao interior do país, atendo-se ora à flora e à fauna, ora aos hábitos da população rural, ora aos mitos e às superstições dos sertões brasileiros. Atento à realidade de uma população relegada pelo poder público, o Regionalismo intenta desvelar um Brasil desconhecido pelos habitantes das cidades litorâneas, um Brasil cujos habitantes seriam os brasileiros mais autênticos, haja vista que possuem, conforme Euclides da Cunha (2011, p. 117), uma “integridade orgânica [...] robusta, imune de estranhas mesclas [provenientes das influências internacionais]”. Nesse contexto, ressalta-se o misticismo, resultante do sincretismo religioso e intensificado pelo isolamento em relação à educação formal do litoral, que se manifesta em constantes movimentos messiânicos, constituindo inspiração para as letras de nossos autores. José Aderaldo Castello (1999, p. 434) reconhece, pois, que “[d]esde o século XIX, messianismo e fanatismo, à semelhança do cangaço e do fenômeno da seca, vêm inspirando a narrativa ficcional”. Os movimentos messiânicos constituem, portanto, uma temática recorrente na tradição regionalista da literatura brasileira dos séculos XIX e XX², que, conforme Menon (2007, p. 82) seria “uma ramificação mais desenvolvida da literatura de terror/horror, suspense e mistério no Brasil”, já que parcela do Regionalismo explora causos populares, misticismos e crenças em figuras e em eventos sobrenaturais.

² Como exemplos de produções literárias cujos enredos se desenvolvem em torno de movimentos messiânicos ocorridos no Brasil, recordemo-nos de algumas obras: *O Ermitão de Muquém* (1869), de Bernardo Guimarães, *O Reino Encantado: crônica sebastianista* (1878), de Araripe Júnior, *Os jagunços: novela sertaneja* (1898), de Afonso Arinos, *O Rei dos Jagunços* (1899), de Manoel Benício, *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), ambos de José Lins do Rego, *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* (1971), de Ariano Suassuna, e *O bruxo do Contestado* (1996), de Godofredo de Oliveira Neto.

A sociedade oitocentista, ao considerar os movimentos messiânicos como concretização de episódios de insubmissão, de insanidade e de rituais cabalísticos e heréticos, aniquilou, com o aval da Igreja e do Estado, tais organizações socio-religiosas, acarretando massacres extremamente violentos e sanguinolentos. Nesse prisma, a tematização literária de fanatismos religiosos e de movimentos messiânicos, marcados por ritos sobrenaturais e por cenas assaz virulentas, encontrou, na pena de determinados escritores, aspectos sombrios, fúnebres, horrorizantes e terríveis, pintando, assim, um típico quadro da ficção gótica. É o que ocorre nas narrativas *Os Jagunços: novela sertaneja*, de Afonso Arinos – publicado em folhetim pelo *O comércio de São Paulo* a partir de 24 de outubro de 1897 e em livro no ano seguinte –, e *Os sertões*, de 1902, escrito por Euclides da Cunha, que se desenrolam em torno do movimento de Canudos. Em ambos os livros, a figura de Antônio Conselheiro, em diversas passagens, caracteriza-se como uma típica personagem monstruosa da poética gótica, habitando, ademais, um sertão lúgubre, com construções arruinadas, ou seja, um sertão transformado em autêntico *locus horribilis*.

O espaço é, de fato, um elemento fundamental ao desenvolvimento das narrativas, pois é nele que as ações do enredo se desenvolvem. Nas ficções góticas, ele adquire ainda maior relevância, podendo ser considerado um dos *topoi* essenciais para a trama narrada. Na tradição gótica, abundam, pois, narrativas que não apenas descrevem locais decadentes, principalmente castelos, casarões arruinados, espaços religiosos, florestas e cidades labirínticas, mas também que os transformam em ambientes responsáveis pela constituição de atmosferas tenebrosas e soturnas, evocando e provocando, tanto no plano da exegese quanto no da diegese, emoções de encarceramento, tensão e medo. Situados normalmente em regiões isoladas, fora do alcance da lei e da autoridade civilizadas, os espaços da poética gótica constituem legítimos *loci horribiles*: ambientes sem proteção contra o terror, onde a escuridão e a estrutura desordenada estimulam medos e fantasias irracionais.

Na tradição regionalista do medo (cf. CASTRO, 2017, p. 133), o sertão, com suas condições topoclimáticas adversas à vida humana e habitado por uma população supersticiosa, transforma-se em um ambiente amedrontador e hostil, em um *locus horribilis* típico da poética gótica desenvolvida no Brasil. Se, na literatura gótica europeia, o clima frígido e nebuloso cria um cenário melancólico e amedrontador, no Regionalismo brasileiro, encontram-se sertões com “[...] toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão” (SAINT-HILAIRE *apud* CUNHA, 2011, p. 56).

É o que ocorre em *Os sertões* e em *Os Jagunços*. Os narradores, ao se utilizarem de uma retórica macabra e horrorizante para descrever o movimento messiânico de Canudos, constroem uma paisagem nordestina lúgubre e obscura: o Arraial do Belo Monte configura, por conseguinte, o típico *locus horribilis* sertanejo. Em ambas as narrativas, o povoado não é apenas o palco em que se praticam e sofrem as atrocidades da guerra, mas também é o principal responsável pela constituição de uma atmosfera opressora e funesta. Tanto Euclides da Cunha quanto Afonso Arinos delineiam um arraial labiríntico e arruinado, transmitindo a sensação de uma cidade anacrônica, retrógrada, moradia de um povo em vias de decadência. Canudos surge, assim, como o espectro de uma civilização estagnada no tempo, ecoando o passado – monárquico na mentalidade da república recém-proclamada – que assombra o país na virada do século. De forma similar, Botting (2014), ao analisar o espaço no Gótico Setecentista, vislumbra cenário equivalente: os ambientes dessas narrativas “frequentemente associam-se à decadência: [são] ermos, assombrados e arruinados como as instituições feudais que incarnam, com sua persistência no presente, como seus habitantes espectrais e seus proprietários [...] em declínio” (BOTTING, 2014, p. 4. Tradução minha.). Nos textos de Cunha e Arinos, os espaços narrativos feudais estudados por Botting dão lugar a uma cidade herética – e, paradoxalmente, sagrada –, que já nasce em ruínas, como se constata nos seguintes excertos de Cunha e de Arinos, respectivamente:

A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrados pelos cômodos, atulhando as canhadas, cobrindo área enorme, truncado nas quebradas, revoltado nos pendores – tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto.

[...] como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos... (CUNHA, 2011, p. 183)

Belo Monte continuava na sua mudez trágica a apavorar o inimigo com a só vista das brechas de suas muralhas, do incêndio do casario, das ruínas fumegantes.

[...]

Então, daquelas ruínas fumegantes, do meio das casas povoadas de silêncio e de morte, rompeu subitamente uma descarga formidável. Belo Monte ressurgiu ao contato das botas dos soldados, fero e sanhudo como jamais fora. (ARINOS, 1898, p. 430)

Os trechos apresentam Canudos em momentos temporais distintos: na passagem de Euclides da Cunha, a cidade ainda não havia sido atacada, na de Afonso Arinos, a quarta expedição militar já havia logrado êxito. Em ambos os fragmentos, Belo Monte é uma autêntica

ruína urbana, nascendo e morrendo degradada. Se, no excerto de *Os sertões*, temos menção à “*urbs* monstruosa”, construída, em forma de labirinto, por loucos, evidenciando a perspectiva médico-litorânea³ assumida, nesse momento, pelo narrador euclidiano, no de *Os Jagunços*, essa monstruosidade, mesmo em processo de esgotamento, continua a ameaçar o inimigo. Belo Monte personifica-se, ressuscita e reinsurge-se, funestamente, contra os soldados republicanos. Para acentuar o poder ameaçador das ruínas do povoado, o campo semântico empregado pelo narrador de Arinos é fundamental: “mudez trágica”, “apavorar”, “ruínas fumegantes”, “silêncio de morte”, delineando um ambiente que, apesar de estar rumo à extinção, continua a defender-se tetricamente.

Entre os edifícios do arraial – estando ele em seu momento de triunfo ou de aniquilamento –, ambos os narradores dão atenção especial às igrejas, os locais mais sagrados dentro da “cidade santa”. Covil de Conselheiro – principal figura monstruosa de Canudos consoante o olhar da sociedade brasileira dos finais do XIX –, as igrejas eram palco de suas pregações e, portanto, de ritos transgressores da religião dominante, consubstanciando a profanação da crença católica. Na pena de Euclides e na de Arinos, principalmente a igreja nova reflete, sob o ponto de vista dos litorâneos, a suposta rudeza e ruína dos canudenses: o povoado organizado por Bom Jesus Conselheiro espelhava-se e era espelho de sua arquitetura anacrônica:

A antiga capela não bastava. [...]. Retratava por demais, no aspecto modestíssimo, a pureza principal da religião antiga.

Era necessário que se lhe contrapusesse a *arx* monstruosa, erigida como se fosse o molde monumental da seita combatente.

[...]

Defrontando o antigo, o novo templo erguia-se no outro extremo da praça. Era retangular, e vasto, e pesado. As paredes mestras, espessas, recordavam muralhas de reduto. Durante muito tempo teria esta feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadias de um gótico rude e imperfeito, o transfigurassem.

[...]

Delineara-a o próprio Conselheiro. [...]. Levantava, volvida para o levante, aquela fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras; de estilo indecifrável; mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis cabriolando num delírio de curvas incorretas; rasgada de ogivas horrorosas, esburacada de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espírito delirante.

³ Para mais informações sobre a perspectiva médica dos finais do século XIX e do início do XX sobre o movimento messiânico liderado por Antônio Conselheiro, consultar RODRIGUES, Raimundo Nina. A loucura epidêmica de Canudos. In: _____. *As Coletividades Anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006. p. 41-56

Era a sua obra-prima. Ali passava os dias, sobre os andaimes [...] feito uma cariátide errante sobre o edifício monstruoso. (CUNHA, 2011, p. 195-196)

A nova igreja, como o culto ali praticado, não deveria ter a “pureza principal da religião antiga”. Era necessário um edifício monstruoso – adjetivo recorrente em *Os sertões* –, que, em sua dubiedade formal, funcionasse como santuário e antro, como templo e fortaleza, “onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores...” (CUNHA, 2011, p. 195). Edificada à semelhança de seu projetor, a igreja é descrita com aspectos similares a de uma catedral gótica: desrespeitam-se a proporção e a simetria clássicas, erguendo-se ogivas disformes como se desenterrassem monumentos funerários subterrâneos do período pré-cristão. Arquitetava-se, porém, mais que um santuário/forte: cria-se um monumento “como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espírito delirante [dos conselheiristas]”. Reflexo de construções góticas, sejam santuários, sejam fortes, a nova igreja de Belo Monte encarna um anacronismo, isto é, uma construção medieval em plena era moderna.

Tal edificação, na prosa de Arinos ganha aspectos ainda mais sombrios, tétricos e sobrenaturais. Enquanto, no texto de Euclides, o templo/forte reflete o “atraso” de Canudos e de seus habitantes, no de Arinos, emerge uma construção monstruosa e ciclópica, revelando o intenso misticismo – tanto dos canudenses quanto dos soldados republicanos – reinante na “terra santa” de Conselheiro:

O bombardeio fazia-se diariamente, e a igreja nova, de preferência alvejada, já tinha perdido uma das torres. Seus muros, porém, continuavam ainda de pé, sombrios e ameaçadores. Em roda do templo, montões de pedra se acumulavam. Ninguém, das forças sitiadas, compreendia como podiam abrigar-se no temeroso reduto homens que desafiavam a morte. Parecia, às vezes, que as próprias pedras e os escombros da igreja mutilada respondiam ao fogo inimigo com outro fogo mais terrível ainda.

Um espírito das trevas animava aquela mole de pedra, transformando-a em miríades de balas contra as tropas.

Pelas manhãs suaves, ou nas tardes arraiadas de cores gloriosas, o templo-reduto emergia dentre as casinhas de Belo Monte, como uma águia negra ferida, de garras prontas à luta e asas abertas em defesa da prole perseguida. (ARINOS, 1898, p. 402)

Apesar de arruinada, a igreja nova, com seus muros “sombrios e ameaçadores”, figurava, ao olhar dos exauridos soldados republicanos, um ente sobrenatural que os atacava de forma terrível e incompreensível. Similar aos castelos e aos mosteiros/conventos derruídos das típicas narrativas góticas, o “temeroso” reduto religioso de Canudos evoca medo, terror e horror à tropa

do governo, o que é explicitado pela imagem altiva e hostil da águia negra que luta, com suas garras, contra as forças do inimigo. Na passagem, o santuário, tal qual em *Os sertões*, delineia-se como uma fortaleza, um monumento arquitetado tanto para as melodias das prédicas religiosas quanto para os estampidos de armas em guerra. O edifício, além de ser retratado como um *locus horribilis*, uma construção sombria, lúgubre, inquietante e decadente, representa também a resistência do movimento messiânico, tal nos lembra Cunha (2011, p. 578) em sua *magnum opus*: “Canudos não se rendeu. [...] resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram”.

Mortos, os canudenses continuam a narrar seu trágico desfecho na História brasileira. Contudo, à época do movimento messiânico, eram tachados pela sociedade litorânea, com aval da ciência dos fins do XIX, de degenerados e incivilizados. Não raras vezes, eram associados a seres monstruosos, habitantes de um mundo que deveria ser extinto. Embora os narradores de Arinos e de Cunha tomem a defesa dos jagunços, Belo Monte, na prosa de tais autores, não apenas ganha aspectos típicos do *locus horribilis* gótico, mas também se transforma, sob a perspectiva oitocentista dominante, em covil de monstruosidades: Antônio Conselheiro e seus seguidores, ao condensarem os pavores e os receios de uma recente e instável república, são transfigurados, pois, em monstros.

Figuras monstruosas, conforme Jeffrey Jerome Cohen (2000), corporificam ansiedades e medos de uma cultura e de um lugar, o que explica a forma como o Brasil litorâneo enxergava a população de Canudos. Tal constatação imbrica-se, ademais, com os monstros da poética gótica, que, tanto a partir de suas ações quanto de suas características físicas representam transgressões e violações sociais. Dessa forma, tudo aquilo que a cultura dominante não consegue incorporar e/ou compreender projeta-se em monstruosidades. Nos termos de Cohen: “Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual.” (COHEN, 2000, p. 32).

A partir dessa perspectiva, a alteridade máxima do movimento messiânico narrado em *Os sertões* e *Os Jagunços* seria, consoante a sociedade brasileira oitocentista dominante, o líder da seita, Antônio Vicente Mendes Maciel – o Conselheiro –, que, segundo as equivocadas e assustadoras notícias da época, estaria reestabelecendo, no sertão baiano, a monarquia. O litoral – inclusive parte dos intelectuais no início da Guerra de Canudos –, influenciado por alardes de

membros da república e da Igreja, enxergou em Bom Jesus Conselheiro e em seus discípulos figuras ameaçadoras, brancas e capazes de derrotarem investidas militares, o que é comprovado pela representação “sensacionalista” (cf. GALVÃO, 1994) do messianismo canudense nos periódicos da época.

Apesar de Afonso Arinos e Euclides da Cunha questionarem e criticarem contundentemente a legitimidade do massacre no qual culminou a quarta expedição militar enviada ao arraial de Canudos, seus narradores assumem, essencialmente nas páginas iniciais das narrativas, perspectiva semelhante àquela dos litorâneos de 1897 quanto a Antônio Conselheiro. Sobejam, portanto, passagens em que o líder do movimento socio-religioso é descrito de forma a gerar medo e espanto tanto no plano da diegese quanto no da recepção: personagens e leitores deparam-se com uma figura misteriosa, situada entre a santidade redentora e a personificação da morte. Na passagem abaixo, de *Os Jagunços*, Luiz Pachola, personagem principal da trama de Arinos, encontra-se, subitamente, com o missionário em uma noite soturna, em que bois mugiam lugubrememente, conformando uma atmosfera tétrica, propícia a manifestações de eventos sobrenaturais:

Ao enfrentar com a grande escada, [Pachola] recuou dois passos, dando com uma figura humana ajoelhada no patamar, de braços abertos, esguia e negra como a sombra da morte.

Era o missionário.

[...]

Luiz Pachola viu, horrorizado, aquela sombra estranha. Persignou-se três vezes e aproximou-se receoso, certo de que era, talvez, alguma alma penada purgando as culpas na terra antes de subir ao reino de Deus. (ARINOS, 1898, p. 53-54)

No excerto, Conselheiro é, sob a perspectiva de um homem do sertão, caracterizado como um ente fantasmagórico, uma “alma penada”, a “sombra esguia da morte”. Pachola, sertanejo valente e destemido, assusta-se profundamente, recorrendo, paradoxalmente, à proteção divina diante daquele que viria a ser o guia religioso de Canudos. O medo sentido pelo protagonista evidencia que Antônio Maciel horrorizava inclusive os sertanejos dos recônditos baianos. Aos soldados republicanos e, por extensão, à população citadina do Oitocentos, ele se configuraria como uma imagem ainda mais perturbadora e hostil.

O narrador de Afonso Arinos atribui, sobretudo, aspectos sobrenaturais ao líder messiânico, explorando o sincretismo religioso conformado pela seita conselheirista. O de Euclides da Cunha, por sua vez, além de atribuir caráter preternatural a Conselheiro, confere-lhe ainda características

repugnantes e nauseabundas. Em trechos de *Os sertões*, o chefe da comunidade de Belo Monte corporifica, por conseguinte, os temores e as apreensões daqueles que não o seguiam:

... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos... (CUNHA, 2011, p. 162)

Tomou-se logo alguma cousa de fantástico ou mal-assombrado para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas.

Era natural. Ele surdia – esquálido e macerado – dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas povoadas de duendes... (CUNHA, 2011, p. 163)

[...] a sua fisionomia [era] estranha: face morta, rígida como uma máscara, sem olhar e sem risos; pálpebras descidas dentro de órbitas profundas; e o seu entarajar singularíssimo; e o seu aspecto repugnante, de desenterrado, dentro do camisolão comprido, feito uma mortalha preta [...]

Passou pelas ruas entre ovações de esconjuros e “pelos-sinais” dos crentes assustados e das beatas retransidas de sustos. (CUNHA, 2011, p. 167)

A imagem líder de Canudos reflete, pois, uma autêntica ruína humana, um ser situado entre o mundo dos vivos e o dos mortos: “um velho singular, de pouco mais de trinta anos”, que perambula, só, pelos rincões baianos. Para imprimir tal aspecto sorumbático e amedrontador a Antônio Maciel, o narrador euclidiano seleciona, precisamente, vocábulos e expressões relacionados ao campo semântico da escuridão (“sombrio”, “sombra”, “preta”), da morte (“face escaveirada”, “face morta, rígida como uma máscara”, “desenterrado”, “mortalha”), da degradação (“cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa”, “esquálido e macerado”, “aspecto repugnante”) e do sobrenatural (“fantástico ou mal-assombrado”, “duendes”). Diante do líder canudense, crentes e beatas, tal como Pachola, de Arinos, amedrontam-se e recorrem à proteção divina: até entre seus iguais, habitantes dos sertões brasileiros, Antônio Conselheiro destacava-se como um ser singular e assustador.

Na figura de Bom Jesus Conselheiro, corporificam-se, assim, as angústias, os receios, os temores do Brasil litorâneo, que, desconhecendo a complexidade do movimento messiânico de Canudos, reduziu-o a um antro de monarquistas ensandecidos guiados por uma espécie de asceta tresloucado. Nas narrativas de Euclides da Cunha e de Afonso Arino, Antônio Vicente Mendes Maciel transcende a realidade e adentra no âmbito literário, situando-se em um *continuum* entre o mundo humano, natural e o inumano, sobrenatural.

Considerações finais

A poética gótica no movimento messiânico de Canudos narrado por Arinos e por Cunha, ao mesmo tempo em que realça o descompasso de Belo Monte em relação à sociedade brasileira dos finais do XIX, denuncia o massacre praticado em nome de uma suposta ordem progressista. Tanto em *Os Jagunços* quanto em *Os sertões*, a tradição gótica cultivava táticas de espanto, talvez, para tirar seus leitores de uma letargia diante das batalhas que aconteceram no sertão baiano, noticiadas confusamente pelos jornais da época. A frequente insistência em detalhes terríveis, horríveis e violentos quanto ao movimento messiânico, à recriminação a ele infligida e às emoções suscitadas traz à tona o massacre cometido contra a organização socio-religiosa canudense.

O Gótico desvela, ademais, que o pretense progresso da sociedade brasileira dos finais do XIX, em direção a um ideal ainda mais civilizado, não estava sendo alcançado. Faltando menos de uma década para findar o século, travou-se uma violenta e épica guerra entre as forças republicanas, apoiadas por latifundiários e pela Igreja – os representantes da ordem social – e os conselheiristas – os transgressores: Canudos seria contrário à república, aos grandes proprietários de terra e à religião oficial. Os ditos civilizados promoveram uma carnificina entre “nossos patrícios” do interior, que, conforme indicam Euclides da Cunha e Afonso Arinos, não constituíam ameaça substancial ao despontar do novo século. Por meio de estratégias narrativas da poética gótica, *Os sertões* e *Os Jagunços* parecem, assim, nos questionar quem, de fato, foi a figura monstruosa da Guerra de Canudos.

Referências

ARINOS, Afonso. **Os Jagunços**: novela sertaneja. v. 1 e 2. São Paulo: O Comércio de S. Paulo, 1898.

BOTTING, Fred. **Gothic**. London: Routledge, 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira**: Origens e Unidade (1500-1960). v. 1. São Paulo: Edusp, 1999.

CASTRO, Hélder Brinate. Medo e regionalismos. In: FRANÇA, Julio (Org.). **Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 127-149.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: _____. **A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 25-55.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FRANÇA, Julio. Introdução. In: _____. (Org.). **Poéticas do mal: a literatura do medo no Brasil (1840-1920)**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017. p. 19-35.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: Guerra de Canudos nos Jornais: 4ª Expedição**. São Paulo: Ática, 1994.

MENON, Mauricio César. **Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira; de 1843 a 1932**. 2007. 216 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

PUNTER, David. **The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day**. v. 1 e 2. London: Longman, 1996.

STEVENS, David. **The Gothic Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.